

ADOLFO
*Sete
conversas
com* **BIOY**
CASARES

Fernando Sorrentino
TRADUÇÃO *Ana Flores*

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2017



EDITORIA PENALUX

Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO
França & Gorj

REVISÃO
Daniel Zanella

PREPARAÇÃO E CONCEPÇÃO GRÁFICA
Dábio Jotta

FINALIZAÇÃO E DIAGRAMAÇÃO
Ricardo A. O. Paixão

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S714s SORRENTINO, FERNANDO. 1942.
SETE CONVERSAS CON ADOLFO BIOY CASARES /
[ORGANIZAÇÃO FERNANDO SORRENTINO]; TRADUÇÃO
ANA FLORES. GUARATINGUETÁ, SP: PENALUX, 2017.

TRADUÇÃO DE: *SIETE CONVERSACIONES CON
ADOLFO BIOY CASARES*

220 P. : 21 CM.

ISBN 978-85-5833-251-4

1. 1. BIOY CASARES, Adolfo (1914-1999) –
Entrevistas 2. Escritores argentinos – biografia,
entrevistas. I. SORRENTINO, Fernando II. Título

CDD.: 928.61

Índices para catálogo sistemático:

1. Entrevistas - Literatura Argentina

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

BREVE ADVERTÊNCIA

As notas de pé de página foram escritas em 1992. Sem dúvida, sobram algumas e faltam outras. Tentei esclarecer o maior número de coisas, dentro do possível. Mesmo assim, certamente terão passado alguns erros e/ou imprecisões: de pessoas, de obras, de datas, de lugares. Entre a abundância e a escassez, optei pela última.

Para facilitar a rápida identificação das obras literárias, adoto o uso bibliográfico internacional. Então: menciono com letra redonda e entre aspas os títulos de textos pertencentes a um livro, e em itálico e sem aspas os títulos de livros. Exemplo: “A trama celeste” é um conto; *A trama celeste* é um livro.

E.S.



PRIMEIRA CONVERSA

12 de agosto de 1988

Primeiros anos – Dores de cabeça e terapêutica tenística – Influência de Cancela – Ordens de Victoria – Encontro com Borges em campo alheio – Don Marcelino – Leituras espanholas – Os Bioy da França – Digressão pela decadência argentina – Os Domecq e John Ruskin – La Martona – Aprendizagem à custa do leitor – Uma opinião de Gerchunoff

Fernando Sorrentino – Sabemos que você nasceu no dia 15 de setembro de 1914 em Buenos Aires², na Rua Uruguay, onde ela quase se junta com sua paralela Montevideo. Gostaria que se referisse a esses primeiros anos de sua vida.

Adolfo Bioy Casares – Os primeiros anos de minha vida foram nessa casa da Uruguay, 1.400, Uruguay quase esquina com Montevideo. Era a casa de minha avó. Depois nos mudamos para a Quintana, 174, provavelmente entre o 20 e o 24, não me lembro bem. Fui feliz nas duas casas. Eram pessoas muito afetuosas comigo.

2. Adolfo Bioy Casares (Buenos Aires, 15 de setembro de 1914 – 8 de março de 1999). Vide a genealogia do autor ao fim desta conversa.

E, nos verões, íamos para o campo. Íamos a Pardo, à estância dos Bioy, e depois à estância dos Casares, em San Martín, em Cañuelas. Assim diziam os potes de doce de leite: “La Martona. San Martín. Cañuelas”. Eu, na estância de meu pai, em Pardo, sentia-me muito feliz. Era a única criança, fazia o que queria, saía a cavalo com os *gauchos*. Aquele foi meu paraíso terrestre. Em contrapartida, na estância dos Casares, hospedava-se toda a família; estavam meus primos... É verdade que havia algumas primas por quem eu me apaixonava... Estava lá a filha dos caseiros, a pessoa que me apresentou a topografia do corpo feminino numa pracinha de loureiros. E estava a sociedade dos primos, que era um pouco a lei da selva. Eram meninos duros; eu era o mais novo de todos, mas conseguia não ser a vítima deles e isso me demandava o esforço contínuo de estar sempre alerta... Meu pai era realmente um homem que conhecia muitíssimo a vida do campo, as pessoas do campo, os costumes do campo – ao menos do campo da província de Buenos Aires – mas era um mau administrador. E, então, as terras dele – que também não eram boas – davam prejuízo. E, como nessa época ele havia comprado a casa da Avenida Quintana, minha mãe o convenceu a arrendá-las. Isso para mim foi dolorosíssimo: não podia mais ir lá e sentia muita falta... No dia 27 ou 28 fizemos uma viagem ao Egito e eu via os camelos ou os zebus e pensava: “Se eu pudesse levá-los para Pardo...”. Tudo eu via em relação ao campo de Pardo.

FS: Podemos dizer que você se lembra mais de seus primeiros anos em Pardo do que em Buenos Aires.

ABC: Sem dúvida. Lembro-me muitíssimo daquela vida, recordo-a como muito, muito feliz. Mas minha vida em Buenos

Aires era um pouco menos feliz que a do campo. E por uma razão concreta: meus pais saíam à noite e eu morria de pavor que eles não voltassem mais. Isso, porém, não acontecia no campo, onde ficávamos longe de tudo. De modo que minha vida em Buenos Aires era uma vida feliz, mas carregada de ansiedade, uma ansiedade que não se justificava.

FS: E esta mesma parte de Buenos Aires, que agora é tão povoada, naquela época era bastante rudimentar, não? Você contou que perto de sua casa havia uma pousada...

ABC: Exato: na Montevideo, entre Quintana e Alvear, havia uma pousada, do lado esquerdo de quem vai para a Avenida Alvear. Isso deve parecer inconcebível agora. E na Avenida Quintana havia duas cavalariças, uma entre Montevideo e Rodríguez Peña, e a outra, entre Rodríguez Peña e Callao, onde agora fica a garagem El Inca. E me lembro dos fardos de farelo e de alfafa. E aquele cheiro de que eu tanto gostava... Em resumo, eu diria que, para mim, Pardo era a imagem da felicidade... Quando terminei o Ensino Médio e comecei a estudar Direito, compreendi que o esforço que aquele estudo me exigia era imensurável. Eu só me interessava mais ou menos. O Direito Romano me interessou muito. E estou feliz de ter estudado um ano ou dois de Direito porque, afinal, o Direito é como uma tentativa de orientar a conduta humana, é como canalizar um mar, é uma grande obra da mente. Mas, de qualquer maneira, eu sabia que não ia ser advogado. Além disso, eu era uma pessoa que não podia me apresentar diante de uma banca examinadora sem ter lido muito e sem ter aprendido tudo muito bem. Por exemplo, me lembro

que, para o exame de Direito Internacional Público, tive que ler seis mil páginas. Pensava: “A vida é curta para desperdiçá-la no que será o meu trabalho. Meu trabalho vai ser escrever.” Eu queria aperfeiçoar minha cultura. Então, abandonei a carreira de Direito e pensei em meus pais. Pensei que, se dissesse a eles que ia ser escritor, eles pensariam que eu ia me dedicar a cultivar minha preguiça, e o que gostariam mesmo é que eu tivesse um título. Logo fiz concurso para a Faculdade de Filosofia e Letras e ali me senti ainda mais afastado da literatura do que na Faculdade de Direito. Também abandonei essa carreira e propus a meus pais ir para Pardo trabalhar: o que me faria retornar ao paraíso perdido. Queria trabalhar num lugar que não perturbasse minha atividade literária, um lugar que não fosse como a vida de Buenos Aires. Também pensei em ir para uma ilha do Pacífico, para Samoa, sei lá... Mas Pardo estava mais próximo e eu podia agradar a meus pais trabalhando. Imaginava que administrar um campo não podia ser algo tão complicado. Sempre tive fé na minha inteligência. Como havia terminado o arrendamento do campo, meus pais concordaram e fui trabalhar em Pardo.

FS: Você tinha então por volta de vinte e um, vinte e dois anos.


ABC: Isso mesmo. E fracassei totalmente como administrador. Meu avô Bioy tinha sido um administrador muito bom: deixou um terreno para cada filho e para cada filha. Minha mãe dizia que os Bioy do meu tempo já eram a segunda geração: não os que ganham, mas os que gastam o dinheiro; dizia que eles administravam as terras sentados nas poltronas de vime dos corredores e que

por isso as terras iam mal. Mas, ao menos no meu caso, isso não era verdade: se eu ficava nas poltronas de vime, as coisas não andavam tão mal; mas se eu ia aos locais de trabalho para tomar decisões, essas decisões geralmente eram bobas e equivocadas. Nesse sentido, fracassei. E o outro fracasso foi minha saúde. Em Pardo – diferentemente do que me acontecia quando era menino, quando eu me sentia, como posso dizer?, invencível de saúde, melhor do que nunca, fortíssimo – tinha sempre dores de cabeça, era um problema insolúvel. E isso não era uma somatização, pois, por outro lado, eu era muito feliz ali: lia muitíssimo, lia coisas de que gostava muito, escrevia, me sentia inteligente. E nos anos 1940 voltei de Pardo carregando minhas dores de cabeça: tinha consultado não sei quantos médicos, sem nenhum sucesso. Depois fui para Villa Allende, em Córdoba, com uma casa sobre rodas. Porque a segunda imagem da felicidade que eu tinha era a da casa sobre rodas, e pensava: “Que maravilha seria morar numa casa nômade e ir de um lado para o outro sem criar raízes em lugar nenhum...”. O fabricante do *trailer* tinha-lhe posto rodas da Ford. Eu tinha um carro Chrysler e me ocorreu pedir ao fabricante que pusesse rodas da Chrysler no *trailer*, pensando que, se furasse um dos pneus, eu poderia substituir uma das rodas por outra do carro. Ele fez isso, fomos embora, e então descobri que as rodas da Chrysler eram um pouco maiores que as da Ford, roçavam os para-choques e iam freando o carro... Enfim, foi uma viagem bem desagradável e percebi que a casa sobre rodas era muito incômoda... Chegamos a Córdoba com o Chrysler descomposto e achando o *trailer* já sem graça... Voltamos de trem, e eu continuei com minhas dores de cabeça... E em Buenos Aires voltei



www.editorapenalux.com.br

 penalux@editorapenalux.com.br

 [/penaluxeditora](https://www.facebook.com/penaluxeditora)